

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

# *A Entrevista Temática*

---

Entrevista a Joana Ramalhão, jornalista da RTP

**Inês Guedes Pimenta**

**20-10-2011**



**Uma conversa fácil e coerente foi o mote principal desta entrevista a Joana Ramalhão, jornalista da RTP, que se dispôs a falar sem medos ou receios da fase difícil que a estação atravessa. Pelo meio um sem número de (in)confidências, que tornaram muito fácil a composição final.**

*Por: Inês Guedes Pimenta*

**Como surgiu a oportunidade de trabalhar para a RTP?**

Eu acabei o curso na Escola Superior de Jornalismo, e

como tal tínhamos um estágio obrigatório; na altura eu fazia trabalhos para a SIC, não de jornalismo mas sim publicidade e então conheci muitos jornalistas que na altura trabalhavam na recém criada estação. Muitos deles conheci-os na “Volta a Portugal” e naturalmente fiz amizades. Foram eles quem me informaram que tinham aberto estágios na RTP. E assim foi. Candidatei-me, ainda sem acabar o curso, e fiz o estágio de Maio a Junho de 1994. Os estágios aqui na RTP eram muito bem programados e geridos, e gostei imenso porque me senti super acompanhada por todos os profissionais. Quando acabou esse estágio estávamos nas férias de Verão, e qual não o meu espanto quando uma semana depois me ligam e perguntam se eu queria ficar... na altura a recibos verdes, o que foi um bocadinho complicado, mas agarrei esta oportunidade com todas as forças (risos). Foi o estar no local certo à hora certa. Mas tive que batalhar muito; a televisão nessa altura era um meio

em que a concorrência era enorme, principalmente entre os repórteres, e claro está que além disso a questão monetária se impunha porque ganhávamos mais consoante o número de peças que fazíamos para cada jornal. Foi um esforço compensado no final, porque em 1998 eu e os restantes colegas fomos chamados para ficar efectivos.

**A Joana realizou um projecto intitulado “Ninguém vive sozinho” 2008, que foi premiado pela AMI-Jornalismo contra a Indiferença. Em que medida este tipo de trabalhos influencia um repórter?**

Foi...foi um desafio. Eu sou repórter de terreno há 14 anos, mas naquela altura tinha um trabalho mais direccionado para o exterior do que agora, e portanto surgiam oportunidades engraçadas de trabalho. Numa delas fui chamada para estar à frente do Gabinete de Comunicação da Casa da Música, onde me foi pedido que realizasse um trabalho direccionado para o que os media ambicionavam, para que a Casa da Música lhe pudesse dar resposta. Mas

não me dei bem nesse meio, porque o que de facto eu tinha de fazer era estar “na pele” de um criativo e não tanto a realizar algo relacionado com a acessoria e o terreno. Eu acho que quem é repórter é-lhe muito difícil passar depois para esse outro lado de criação...como tal, saí passados seis meses e foi nesse período que me foi proposto realizar uma grande reportagem sobre as crianças e jovens que são deixadas em casa de acolhimento, e que aos 18 anos têm de as abandonar.

**Essa abordagem foi feita de forma bem cuidadosa suponho...**

Sim...todos os novos projectos nos deixam um bocadinho inseguros e ansiosos, porque não sabemos o que dali vai surgir mas também temos a noção que estamos sempre a aprender. Neste caso em particular entrevistei os jovens que vivem nestes lares de acolhimento e nota-se que há sempre uma barreira muito difícil de quebrar devido às pessoas e às suas histórias de vida..de forma que essa barreira por vezes vai ficando cada vez mais densa; com alguns foi necessário tornar-me

íntima deles e mostrar-lhes que o trabalho que eu estava ali a fazer não era por mais nada a não ser mostrar que a situação destas crianças precisava de ser ouvida, precisava de ser vista, de ter uma voz... e uma situação desta não se consegue numa primeira entrevista.

***“...a situação destas crianças precisava de ser ouvida, precisava de ser vista, de ter uma voz...”***

É necessário criar uma empatia com eles, principalmente os rapazes que regra geral eram mais retraídos e difíceis..mas isso é um trabalho que requer humanismo, requer tacto e no fim penso que eles acabaram por confiar em mim.

**O público comum desconhece como é feito o “Jornal da Uma” por exemplo.Pode dar uma breve explicação sobre o desenho por detrás de todo o mundo da televisão?**

Na RTP temos um estúdio e uma régie que funcionam em locais separados.Nem de outra forma o poderia ser

porque a régie é um local de total confusão quando se prepara um jornal da tarde por exemplo. O alinhamento é feito maioritariamente com as notícias do dia, o factor actualidade, e um dos trabalhos principais é desde as 7:30h da manhã folhear os jornais, ouvir os noticiários das rádios para juntar informações e saber o que é ou não notícia, e posteriormente distribuir o jogo de informação pelas várias redacções,repórteres e se preciso também aos enviados especiais.Enquanto isso realizamos também uma reunião, por volta das oito horas em que reunimos o pivot, o realizador e o editor de imagem, para idealizar como será o alinhamento do jornal e tentar incluir todas as peças ao tempo correspondente. Claro que quando o jornal vai para o ar, as peças muitas vezes não estão prontas, ou a gravação não arranca...(risos), enfim é um stress habitual...

Fisicamente temos um estúdio virtual nas instalações do Porto que funciona como uma “caixa verde”, literalmente, porque é a cor mais usada para fazer os cromas e tudo aquilo que o público vê e a

que chama estúdio é criado por computador. Do outro lado, na régie, estão quase todas as pessoas que compareceram á reunião, além de técnicos de som e imagem que tentam ao máximo ter tudo pronto na hora do lançamento das peças.

### **A RTP há muito que não é líder de share nas televisões generalistas, como é que se poderá contornar este problema...**

Eu acho que as audiências e o *share* não podem ser o objectivo do serviço público de televisão. Temos que ter a consciência de que fazemos boa informação e não nos regemos por isso; não me orgulharia de trabalhar num sítio em que tivesse como carro-chefe um reality-show dos que estamos a habituados. Penso que temos de estar sossegados quanto a isso, porque por exemplo o “Jornal da Tarde” é líder de audiências no seu horário e o “Telejornal” também, pelo grande caminho que tem feito. Além disso nós temos grandes programas de entrevista, debate, informação..

e por isso não acredito que tenhamos de contornar enquanto problema mas sim continuar a fazer da qualidade o nosso caminho..um caminho trilhado a direito, sem desvios, pautado sim pela informação.

### **Mas então acredita que o facto da RTP ser pública condiciona um pouco a vossa programação...**

Condiciona e ainda bem que o condiciona. Penso que se condicionarmos pela qualidade é-o feito muito bem, acho que não podemos transmitir tudo aquilo que as pessoas querem ver. Temos um cariz educativo muito forte, vincado e definido, e não devemos ser só nós a educar, mas temos a obrigatoriedade de chegarmos a todos os lados e sermos ecléticos na arte, na cultura, na produção portuguesa.

Se é bem ou mau poderíamos discuti-lo neste momento, mas esse é o nosso papel; acima de tudo temos que ter programas de muita qualidade e que valorizem as pessoas, mas que ao mesmo tempo sejam também atractivos..não precisam de ser entediantes,

podem e devem ser bem feitos com um “quê” de sabedoria, qualidade, visão de futuro, inovação.

**Mas então acha que o problema possa ser do público, que escolhe outro tipo de programas...?**

Em todos os países é assim, não é só em Portugal. As pessoas estão muito saturadas de coisas sérias, não é? e procuram esses escapes; mas isto acontece em todo o lado...infelizmente o lixo televisivo tem muita audiência. Um exemplo contraditório da nossa televisão é o canal 2. É um escape aos outros tipos de programas, ao tal lixo televisivo porque tem documentários fabulosos, séries muito boas..mas concordo que haja quem não goste e sei que tem de haver outro tipo de programação para quem não goste de ver este tipo de conteúdo. Agora, é preciso fazer esses outros

programas com qualidade. Não temos que nivelar sempre por baixo.

***“Temos um cariz educativo muito forte, vincado e definido...”***

**E como está a ser abordada a questão da privatização nos estúdios?**

Ninguém gosta que se mexa na sua própria casa. Eu sou uma defensora acérrima de um serviço público de televisão: numa democracia o povo tem que ter uma televisão defensora da sua língua e da sua cultura. O que se fala não é tanto da privatização da RTP mas sim da alienação de um canal. Enquanto trabalhadora estou espectante, aliás esse é o sentimento fucral de todos os trabalhadores e queremos ver o que vai acontecer. Há um grupo de trabalho formado pelo governo que está a estudar o que é, ou o que deveria ser o serviço público de televisão, portanto há uma grande expectativa. Obviamente no dia-a-dia há conversas de corredor, há ansiedades e há medos e é normal que as pessoas estejam mais preocupadas.

***“...no dia-a-dia há conversas de corredor, há ansiedades e há medos...”***

Também sei que há muito acordos que se fazem entre os trabalhadores e a administração que beneficiam esses mesmos trabalhadores, na medida em que os cortes não são

bruscos e alguns dos benefícios que eles podem retirar até são convenientes. Haverá de certo quem queira ir, quem queira ficar, e só numa fase posterior é que se saberá o que de facto vai acontecer.

### **Se este processo for para frente, a imagem e programação da RTP podem vir a ser alteradas...**

Estamos a falar de coisas diferentes: mantendo-se um canal de serviço público de televisão, a informação tende-se a manter como está porque é essa a linha que temos de seguir e certamente teremos também outro tipo de programas provavelmente não tão mediáticos. O canal a ser privatizado, irá depender de quem o comprar e o que quiser fazer dele... se quiser fazer só um canal de notícias, só terá informação; se quiserem fazê-lo só comercial terá muitos programas de entretenimento... isso dependerá do projecto que têm para o outro canal. Em relação à RTP eu gostaria que mantivesse a mesma linha que tem seguido até hoje: uma informação credível, uma informação ponderada, cuidada, tentando chegar a todo o

lado, numa forte aposta das comunidades portuguesas “lá fora” e dos PALOP. Esse é o nosso caminho.

### **O facto de a RTP ter perdido dois dos ícones da estação, Judite de Sousa e José Alberto Carvalho, terá abalado a vossa estrutura em que sentido?**

(risos) Eles eram dois grandes jornalistas, rostos da casa que saíram.. temos pena claro, mas há muitos bons valores na RTP que vão prosseguir com certeza as boas sementes que eles deixaram. Muita coisa que eles nos ensinaram e deixaram será aproveitada e com certeza eles farão a vida deles num outro lado e nós continuaremos a nossa...

### **Sem qualquer tipo de ressentimentos suponho...**

Sim...houve claro espaços que foram deixados, por exemplo a “Grande Entrevista” da Judite era um espaço muito marcante na RTP.

### **Mas e o facto da TVI o ter adaptado não acaba por revoltar?**

Não... não revolta nada. É normalíssimo as pessoas estarem em diferentes sítios e terem estas oportunidades. Ela teve-a, agarrou-a e está a fazer o

trabalho dela como o fazia na RTP, na TVI. A RTP tem é que se adaptar, arranjar outro rosto para a entrevista, como já o está a fazer. Temos agora a Sandra Sousa a entrevistar, a Fátima Campos Ferreira num grande plano também, o Vítor Gonçalves tal como a Sandra...são profissionais tão competentes como a Judite e vão fazer um caminho capaz de chegar ao patamar dela.

**A aposta no entretenimento por parte da RTP passa por programas como “Elo mais fraco”, “Praça da alegria” e “Portugal no Coração” ou “Estado de Graça”. Pensa que é isso que o público quer de facto ver, face ao restante lixo televisivo?**

Tal como já afirmei, a RTP não se pode nivelar por baixo e tem que haver um patamar de qualidade...e por isso é que é serviço público de televisão. Não é obrigatório que nós façamos o share e tenhamos óptimas audiências.

***“...a RTP não se pode nivelar por baixo...”***

É sim obrigatório que tenhamos qualidade naquilo que fazemos. Além disso

não podemos obrigar as pessoas a verem um programa em vez de outro. Não podemos optar por colocar um reality show na RTP, porque não é esse o nosso caminho!Esse não é definitivamente o nosso caminho, portanto essa não pode ser a nossa condicionante. Temos que estar focados na qualidade.

**Mas tiveram o “Último a sair”, que se revelou um aposta ganha...**

O “último a sair” foi engraçado porque apostava muito no humor e ironizava situações dos reality-shows, mas com qualidade, com actores portugueses engraçadíssimos e teve esse “quê” de inovação. Programas como estes são uma forma de olharmos para o futuro com a componente inovação.

**Projectos como Academia RTP são uma mais valia para os estudantes de comunicação que pensam seguir a área da multimedia e claro do jornalismo.A Joana lida com estes estagiários ainda estudantes?**

Confesso que não.Na minha área não temos ligação com este projecto mas sei que tem sido um sucesso por parte de colegas meus que



têm trabalhados nesses projectos de laboratório que apostam em algo que tenho dito há muito, que é a inovação. É necessário que em Portugal hajam tantos jovens capazes de elaborar conceitos tão ambiciosos como aqueles que são desenvolvidos na Academia.

### **Como é que os jornalistas mais experientes da casa acolhem estes novos profissionais?**

Com muito carinho! Muito, muito, muito carinho..A RTP sofreu um processo curioso, que foi acupular a RTP N, agora RTP Informação, e esta geração que lá trabalha tem sensivelmente menos dez anos que eu, e eu dou-me muitíssimo bem com os mais novos, tenho imensos amigos que vieram da RTP N, converso muito com eles, trocamos ideias sobre reportagens, sobre formas de abordagem diferentes; duas cabeças sempre pensaram melhor que uma e eu pessoalmente sou totalmente aberta a essas ideias novas que eles trazem com elas. Inspiram-me.

### **Quando a Joana acabou a sua licenciatura, havia já presente esta ideia da multimédia, e aquilo que ela hoje significa neste meio?**

Não, nada! Acho que é uma total mais valia para os profissionais. Eu enquanto jornalista tenho que muitas vezes recorrer aos mais novos ou a técnicos para poder manusear alguns softwares (risos), por isso acho um melhoramento incrível a capacidade que vocês têm de estar á-vontade com a multimédia. Aliás isso é o futuro..nunca mais um jornalista o será apenas de televisão ou de escrita. É importantíssimo sabermos chegar ao público através das plataformas de multimédia sem que para isso seja necessário pedir a outros profissionais.

**O presidente da Entidade Reguladora da Comunicação Social (Carlos Magno) defende, em entrevista ao *Expresso*, que uma “possível privatização da RTP empurraria os outros operadores privados, SIC e TVI para uma concorrência feroz, não em busca do lucro, mas da sobrevivência.”**

O mercado publicitário em Portugal é escaço, e com a crise mais escaço ficou ainda, e portanto o facto de existir mais um operador privado vai obrigar a que o mercado publicitário em vez de se dividir por dois, vai ter que se dividir por três portanto os lucros vão ser cada vez menores para cada um deles. E num

## | A Entrevista Temática

momento de crise como o que Portugal está atravessar talvez seja preocupante para todos,mas claramente um risco maior para as Administrações.